

NARRATIVAS
DOCENTES:
DIÁLOGOS ENTRE
O CUIDADO E A
PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTO



V SICCAL

[GT2 - TERRITÓRIOS, TERRITORIALIDADES E MOVIMENTOS SOCIAIS]

Luiza Ribeiro Xavier

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), São Paulo, SP

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Com a pandemia do SARS-CoV-2, as escolas públicas de São Paulo transitaram entre aberturas, fechamentos e flexibilizações das atividades escolares. Nesse contexto, um grupo de pesquisa ligado à FEUSP, que tem como objetivo construir um currículo implicado com as questões de gênero, raça e classe, buscou contribuir com a rede de apoio de quatro escolas públicas do estado de São Paulo. Para tanto, o grupo realizou diversas atividades nas comunidades escolares, entre elas, um grupo com os professores na modalidade online, coordenado por uma psicóloga, com o objetivo de oferecer um espaço de reflexão dos sentimentos dos professores e possibilitar o acolhimento das angústias relacionadas às dinâmicas educacionais no contexto atual. Neste trabalho, proponho-me a analisar o relato de um dos encontros deste grupo, no qual, a partir da lembrança das experiências que os levaram a escolher a profissão, foram compartilhadas oralmente algumas narrativas docentes.

Palavras-chave: Narrativas. Profissão docente. Decolonial.

With the beginning of the SARS-CoV-2 pandemic, public schools in São Paulo moved between openings, closings and flexibilization of school activities. In this context, a research group connected to FEUSP, with the objective to create a curriculum that englobes gender, race, and social class, had the objective to contribute with the support community of four public schools of São Paulo. To reach the objective, the group realized many activities in the school communities, one of these activities, was with a group of teachers on the online mode, coordinated by a psychologist, with the object of offering a space of reflection on the teacher's feelings and provide support for their anxieties related to educational dynamics in the current context. In this document, I am proposed to analyze the narrative of one of the meetings of this group, according to the remembrance of the experiences that guided them to choose their profession, that were shared orally.

Keywords: Narratives. Teacher profession. Decolonial.

Con la pandemia del SARS-CoV-2, las escuelas públicas de São Paulo se movieron entre aperturas, cierres y flexibilidad en las actividades escolares. En este contexto, un grupo de investigación vinculado a la FEUSP, que busca construir un currículo involucrado en temas de género, raza y clase, buscó contribuir a la red de apoyo de cuatro escuelas públicas del estado de São Paulo. Para tanto, el grupo realizó diversas actividades en las comunidades escolares, entre ellas un grupo con docentes en la modalidad online, coordinado por un psicólogo, con el objetivo de ofrecer un espacio de reflexión sobre los sentimientos de los docentes y possibilitar la recepción de las

ansiedades, relacionados con la dinámica educativa en el contexto actual. En este trabajo propongo analizar el informe de una de las reuniones de este grupo, en el cual, a partir del recuerdo de las experiencias que los llevaron a elegir la profesión, se compartieron oralmente las narrativas de los docentes.

Palabras clave: Narrativas. Profesión docente. Decolonial.

Em certo sentido, narrar é como fazer profecias com a face voltada para trás (JUAREZ, 2020, p.164).¹

Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje².

Pode ser comum, mas não é simples e sem importância ouvir a história de vida de alguém ou contar a sua própria história. Quando escuto a história de alguém sempre me lembro de outras histórias, histórias de outras pessoas, histórias de uma cidade, de uma região, lembro de fatos históricos do século passado, lembro de notícias que li naquela mesma semana, e essas histórias sempre me despertam sentimentos, de amor, de raiva, de esperança. E esses sentimentos, provocados pelas histórias, transformam meu modo de ver e agir no mundo.

Quando conto a minha história para uma pessoa, trago à tona acontecimentos antigos a partir de uma perspectiva do presente, o que faz com que essas histórias se modifiquem a depender do assunto que disparou a contação, e também das experiências atuais que vivencio. Essa dinâmica que opera o ato de narrar a vida tem colaborado para a elaboração da minha própria história. É como se cada vez que eu contasse minha história, mesmo que de forma fragmentada, eu a entendesse de formas diferentes, dando outros significados para o que vivi.

1 Trecho parafraseado por Juarez (2020) a partir da obra do poeta alemão do século XIX Heinrich Heine.

2 Provérbio pertencente à cosmovisão Iorubá. Para mais articulações entre o provérbio africano e o contemporâneo acesse o artigo "As voltas que o mundo dá". (Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-voltas-que-o-mundo-da/>. Acesso em: 16 dez. 2021).

Sinto-me instada a interpretar a ação de contar nossas histórias de vidas como um interessante dispositivo de elaboração de experiências, no momento em que, simultaneamente, promovo cuidado e acolhimento, que se fazem acompanhar de efeitos singulares e coletivos. Recentemente, propus a um grupo de professores de uma escola pública de São Paulo que compartilhassem suas histórias de vida e, a partir dessa proposta, os professores rechearam uma sala de reuniões *online* de memórias e desejos.

Esse grupo de professores compõe o escopo de ações de um projeto intitulado "Raça, gênero, etnomatemática e culturas afro-brasileiras - relações étnico-raciais e diversidade de gênero na construção de uma epistemologia afro-brasileira e feminista nas escolas públicas de São Paulo", vinculado à FEUSP que tem como propósito a elaboração de um conhecimento transversal nas áreas das ciências humanas e etnociências, ao interseccionar raça, gênero e classe na construção de um currículo escolar emancipatório, que afirme a cultura da juventude periférica, e propicie uma formação aberta à diversidade.

Para tanto, o projeto aposta em um modelo de formação coletivo, construído por diferentes atores implicados no tema, a fim de desenvolver uma pesquisa teórica e de campo de acordo com uma epistemologia emancipatória, tecendo estratégias de ensino e atividades que contemplem os debates de raça, gênero e classe em prol da decolonização do currículo.

O ponto disparador do projeto são as docências compartilhadas entre professores,

artistas e pesquisadores, por meio das quais são articuladas estéticas afro-diaspóricas, feministas e latino-americanas ao currículo escolar. As docências estão acontecendo em quatro escolas públicas de diferentes regiões da cidade de São Paulo, contemplando alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. A proposta de intervenção é ativa e interativa, as aulas são compartilhadas entre, por exemplo, um capoeirista e um professor de geografia ou um professor de português e uma artista do teatro negro, que deverão interseccionar os seus saberes em sala de aula, produzindo a circulação de diferentes experiências que afetarão os conteúdos e as relações entre os docentes, discentes e pesquisadores.

A potência emancipatória³ desta proposição é vasta, e o projeto se propõe a percorrê-la por meio de diferentes atuações, que incluem grupos de estudos, pesquisas de mestrado, doutorado, simpósios, etc.

Um dos dispositivos de atuação proposto pelo projeto, no qual o exercício de compartilhar histórias foi proposto, configura-se como um grupo de professores coordenado por um psicólogo para sustentação e elaboração das experiências viabilizadas pelo projeto. A pertinência deste espaço surgiu a partir de uma experiência realizada anteriormente pelo grupo de pesquisa, descrita no livro *Culturas ancestrais e contemporâneas na escola: Novas estratégias didáticas*

3 A ideia de emancipação explorada por Adorno (1995) encontra-se intimamente associada à luta contra a barbárie, para a qual torna-se fundamental uma formação crítica, constituindo-se em uma das categorias teórico-metodológicas norteadoras do projeto; no entanto o conceito será repensado a partir da ideia de colonialidade e decolonialidade (COSTA; TORRES; GROSGOUEL, 2019).

para a implementação da Lei 10.639/2003 (2018), na qual os arte-educadores/pesquisadores do projeto perceberam “(...) a necessidade de um espaço de escuta para que os professores pudessem expor suas dúvidas e refletir sobre os desafios relacionados à prática da docência compartilhada”(COCA, 2018, p.281).

Com a propagação do vírus SARS-CoV-2 no início de 2020, as escolas públicas de São Paulo foram parar no centro de disputas entre governos, professores e famílias, e durante os anos letivos de 2020 e 2021 imperou um movimento entre a interrupção e a retomada das aulas presenciais, e esse movimento foi tão constante e instável que muitas escolas mudaram radicalmente suas atividades e sua forma de se relacionar com a comunidade escolar. Em razão dessa instabilidade suscitada pela pandemia nas escolas, as atividades do projeto foram adaptadas para o modo remoto, algumas ações, principalmente as que tinham como público alvo os alunos, foram postergadas. No entanto, houve um esforço do grupo de pesquisa para manter o vínculo com as escolas ao buscar ser um domínio na rede de apoio das comunidades escolares.

Nos contatos realizados com as unidades escolares, seja por mensagem com os professores parceiros, seja nas reuniões com a equipe escolar, foram compartilhadas uma série de angústias, relacionadas ao novo formato de educação: à distância. Os professores relataram o crescente sentimento de saudade: saudade do convívio entre pares, saudade do convívio com os educandos, assim como o sentimento de incerteza em relação ao futuro da profissão.

Os professores também relataram uma forte angústia ao perceberem a crescente evasão escolar e a dificuldade dos alunos de acessarem os recursos pedagógicos, tanto online, quanto presenciais, em decorrência da crise econômica e social intensificada pela pandemia. Do mesmo modo, verbalizaram a demanda por um espaço de escuta voltado exclusivamente para os professores.

A partir desses relatos, o grupo de pesquisa adaptou a proposta inicial de um grupo de professores para elaboração das experiências referentes ao projeto, para acolher a demanda por um espaço de cuidado e elaboração das angústias relacionadas às dinâmicas educacionais no contexto da pandemia. Na verdade, de acordo com nosso entendimento, construir um currículo implicado com as questões de raça, gênero e classe também significa atuar frente às desigualdades sociais intensificadas pela pandemia da covid 19 e os impactos desse processo na atuação dos professores.

A proposta de um grupo de acolhimento e reflexão para os professores no contexto da pandemia foi bem aceita pelas comunidades escolares de duas escolas públicas com as quais o grupo de pesquisa atua, e foram realizados alguns encontros nessas escolas para a apresentação da proposta. Em um desses encontros para organização do dispositivo, foi verbalizado pelos professores que há um interesse no tema e na metodologia do projeto temático, no entanto, atual-

mente os docentes se encontram “sem cabeça para discutir sobre raça e gênero”, o que nos indicou que o projeto é lido como mais uma demanda entre muitas outras emergentes durante a pandemia. Nesse sentido, o grupo com professores tem sido uma estratégia de aproximação entre o grupo de pesquisa e as escolas, construída a partir das demandas atuais das comunidades, ao mesmo tempo em que promove debates acerca de uma educação emancipatória sem que isso signifique mais uma demanda de formação e adaptação a outras metodologias de ensino.

Durante todo o processo descrito, tenho atuado como a psicóloga responsável pela coordenação de um desses grupos com os professores, em uma escola estadual no município de Ferraz de Vasconcelos⁴.

4 Ferraz de Vasconcelos é um município de quase 200 mil habitantes. Faz limites com bairros periféricos da cidade de São Paulo, e com os municípios de Poá, Mauá, Ribeirão Pires e Suzano. A história de Ferraz está muito relacionada com a política de branqueamento de São Paulo, tendo sido anteriormente uma terra indígena que depois foi invadida pelos bandeirantes. No período pós abolição da escravidão, suas terras foram cedidas para imigrantes, com o intuito de trazer o progresso para a cidade. Durante anos, foi conhecida como berço da uva Itália, porém com o passar dos anos tornou-se cidade dormitório, já que não havia empregos para todos os seus habitantes, sendo, em sua maioria, constituída por migrantes de alguns estados do Nordeste ou do Sudeste. A escola fica próxima à Estação Antônio Gianetti Neto, ao lado do centro comercial de mais baixa renda. Na região do entorno da escola, temos várias áreas de ocupação. A realidade da cidade não é muito diferente da realidade da sociedade brasileira: pequena quantidade de pessoas com alto poder aquisitivo, como donos de lojas, de mercados e de fábricas,

Gestos e acontecimentos que cultivam o desejo de ser professora

Os encontros do grupo de professores em uma escola estadual de Ferraz de Vasconcelos foram iniciados no fim do primeiro semestre de 2021 e devem continuar até o fim do ano letivo de 2021. Em média os encontros são frequentados por vinte professores, na modalidade à distância, por intermédio de uma plataforma *online* para reuniões.

Durante o segundo encontro do grupo emergiu uma discussão sobre o acolhimento e suas características plurais. Os professores chegaram ao entendimento de que o acolhimento pode ter significados diferentes dependendo da pessoa, e para que o acolhimento se efetive é necessário o conhecimento sobre nós mesmos e sobre os outros. Com base nessa discussão, no encontro seguinte, propus um exercício de compartilhamento de nossas histórias em torno da profissão docente.

sendo a maior parte da população constituída por empregados desses estabelecimentos, ou de trabalhadores em outros municípios. O corpo docente da unidade escolar é formado por 80% de professores efetivos, que residem no próprio município (cerca de 50%) ou nos municípios vizinhos. A comunidade da unidade escolar apresenta renda familiar de aproximadamente dois salários mínimos, e apresenta um Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (INSE) de 4,24. Muitos alunos são moradores dos prédios da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU), outra parte da comunidade escolar reside em moradias populares situadas no entorno daqueles. A unidade escolar apresenta uma quantidade significativa de alunos especiais, como resultado de uma política inclusiva da unidade escolar. Os alunos apresentam características pluriculturais sendo marcados, portanto, pela diversidade de anseios em relação à escola.

A relevância dessa proposta foi identificada a partir de algumas considerações, primeiramente a possibilidade de nos aprofundarmos na questão da pluralidade de nossas histórias e de como isso participa dos processos de acolhimento e cuidado.

Além disso, essa proposição possibilitou uma aproximação das concepções docentes acerca da construção de suas identidades profissionais, as quais se estruturaram a partir das experiências com a categoria durante a vida de cada um.

O processo de construção da profissão docente, como identidade, tem seu início a partir da escolarização básica. É nesse período que um sujeito, que posteriormente queira se tornar professor, entra em contato com a prática e começa a construir uma representação do que é ser um professor (VALENTE, 2020).

Esse papel fundamental do período de escolarização na construção de identidades não é exclusivo para os docentes. Todos os sujeitos que têm acesso à escolarização garantido passam muito tempo na escola, o qual é preenchido por experiências que engendram os modos como esses sujeitos veem a si mesmos e aos outros (ARAÚJO, 2017). Nesse sentido, o compartilhamento de memórias em torno da profissão ensejou uma reflexão sobre as experiências que compõem a construção do que os componentes do grupo entendem como identidade docente.

A partir dessas questões, propus uma reflexão sobre a nossa história e a história de vida do outro, e sobre como essas histórias fizeram parte da construção da identidade de cada um como professor. Disse-lhes

ainda, naquele dia, que nos dedicaríamos a relembrar os motivos e as experiências que os levaram a escolher a profissão de professor e como tudo isso se relacionava com as angústias e alegrias que compartilháramos no grupo até então.

Os professores aceitaram a proposta e durante uma hora e trinta minutos tivemos a presença de vinte e dois professores, sendo que cerca de doze deles compartilharam suas histórias. Os professores se emocionaram uns com os outros, pois muitas das histórias compartilhadas no grupo eram desconhecidas até então, mesmo as histórias dos professores que estão há mais tempo na escola.

Passado o encontro, demos início a um processo de reflexão sobre os conteúdos das narrativas de vida compartilhadas e me chamou a atenção um fato repetido em quatro relatos: histórias que giravam em torno de uma infância e juventude em que as pessoas com as quais os professores conviviam não tiveram acesso à escolarização, sendo em sua grande maioria analfabetos.

Um dos professores nos contou que em sua infância, em uma pequena cidade de Pernambuco, não existia escola, e a maior parte dos adultos, incluindo seus pais, eram analfabetos. Ele só havia aprendido a ler graças a um vizinho que lhe ensinou as primeiras letras na sala de sua casa.

O papel fundamental da educação foi percebido por ele no momento em que um amigo seu o procurou, pois havia mais de uma semana que estava com uma carta no bolso, no entanto, como não sabia ler, até aquele momento, desconhecia seu conteúdo. O professor, que no momento já era

adolescente, ofereceu seus conhecimentos ao amigo e leu o conteúdo da carta, a qual relatava a morte do pai desse amigo. Essa história tocou muito o professor, seu tom de voz ao relatar essa memória estava embargado de emoção. Ele disse o quanto aquela memória sobre o amigo, cuja notícia da morte de seu pai ficara-lhe inacessível por mais de uma semana no seu bolso, mostrou o quanto a educação era necessária em nossas vidas.

Outra professora narrou a história de sua mãe que também viveu sobre o estigma do analfabetismo por grande parte de sua vida, esse estigma fez com que a mãe cobrasse de sua filha, hoje professora, grande dedicação aos estudos. Anos depois, ela ensinou sua mãe a ler, dizendo-nos que ensinar sua mãe contribuiu para o seu desejo de ser professora. Ela disse ter se interessado por biologia e genética e que tomou gosto por saber e ensinar a respeito do que herdamos biologicamente dos nossos ancestrais.

Essas histórias revelam processos de exclusão de grande parte da população brasileira do ensino básico⁵, mas também

5 No artigo Batalha de Durban, Sueli Carneiro (2002) relata as principais iniciativas de organização, as batalhas e as conquistas do movimento negro na III Conferência contra o Racismo. Uma das conquistas foi a aprovação do plano de ação da Conferência, que incidia sobre as políticas públicas dos Estados, e tinha, como um dos acordos para o enfrentamento da desigualdade racial, a erradicação do analfabetismo. Como não nos deixa esquecer Carneiro, nesse recorte de seu artigo, o analfabetismo é uma das expressões da defasagem existente nas condições de vida dos sujeitos que são vítimas do racismo, da discriminação racial, da xenofobia e das formas de intolerância que permeiam a estrutura da sociedade brasileira. Na análise desse artigo, proponho que a repetição das histórias sobre analfabetismo no grupo com os

nos revela um processo de elaboração dos sentimentos e experiências atuais desses professores, caso pensemos no compartilhamento de narrativas como um processo de reflexão do passado a partir de condições presentes.

Para Furtado (2020), em uma narrativa de vida, há muito mais do que uma rememoração de um passado, já que os sentidos de uma narrativa estariam primeiramente contidos no presente e no futuro. Nesse sentido, o autor adverte que toda história do passado é uma história do presente contada a partir de uma perspectiva subjetiva, social e histórica. E é nesse movimento de narrar, que o presente, assim como o porvir, auxilia na reconstrução do passado:

Daí que, tal como as classificações históricas do tempo vivido hoje são obviamente possíveis somente a posteriori, revisitar uma jornada é inevitavelmente abordá-la a partir do que sou e faço agora e do que estou me tornando, ou pretendendo me tornar (FURTADO, 2020, p. 166).

Nos encontros anteriores os professores compartilharam receios em torno do aumento da evasão escolar, da dificuldade de acesso à educação de seus alunos, e do sentimento de impotência em relação ao presente, situação que podemos aproximar das histórias compartilhadas no encontro descrito acima.

professores foi resultado de uma elaboração do passado a partir das condições presentes, sem nos esquecer das condições sociais e históricas que forjam até os dias de hoje a exclusão de parte da nossa sociedade.

Furtado (2020) também destaca que o êxito de uma narrativa não está na transmissão exata de acontecimentos passados, mas sim no empenho em fazer transparecer as transformações contemporâneas do narrador, transformações que partem de condições objetivas e subjetivas dos sujeitos.

Nessa perspectiva, não há apenas uma repetição, ou ainda, uma continuidade de um passado de exclusão social, expressa no não acesso à educação, nas experiências atuais dos professores. As semelhanças entre as histórias do passado e as angústias do presente são também um indício de um processo de elaboração dos professores, na qual as experiências atuais dos professores determinaram quais memórias foram compartilhadas.

Em outra história compartilhada, os pais de uma professora também foram apresentados como analfabetos⁶, sempre trabalharam muito e a educação não era uma preocupação. Mesmo sem ter os pais como referências escolarizadas, a professora frequentou a escola, no entanto, sentia

⁶ Na exposição “Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros”, inaugurada em setembro de 2021 no IMS na cidade de São Paulo, há uma frase extraída de um dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus, que hoje se encontram no arquivo Público Municipal de Sacramento, que também provoca a reflexão em torno da relação entre analfabetismo, o racismo e a organização social da sociedade brasileira: “Após a libertação dos escravos e a Proclamação da República, o que restou para o Brasil foi um saldo de analfabetos”.

Para mais relações entre a exposição e a questão racial no Brasil acesse a reportagem “Um Brasil para os brasileiros – Ensaio Palavra-Imagem com Carolina Maria de Jesus” (Disponível em: <https://entretempos.blogfolha.uol.com.br/2021/09/26/um-brasil-para-os-brasileiros-ensaio-palavra-imagem-com-carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 16 dez. 2021).

muito medo e insegurança, pois tinha medo de errar. Uma de suas professoras do ensino infantil percebendo seus medos começou a incentivá-la, a ação desta professora fez com que ela desenvolvesse uma outra percepção de si, uma percepção de que ela era inteligente e que a escola era um direito seu. A narradora nomeou a ação desta professora como um gesto de amor.

Este gesto de amor cultivou o desejo de ser professora na narradora: “Quando eu crescer quero ser como ela”. A lembrança dessa história foi expressa como algo muito importante para a professora, considerando que havia perdido a categoria S, o que fez com que ela passasse a ganhar uma remuneração financeira menor e tivesse menos direitos. Essa perda às vezes fazia com que ela tivesse vontade de desistir, mas as lembranças dos gestos de amor possíveis na sua profissão e as transformações das vidas de seus alunos, das quais podia ter uma participação como docente, a faziam continuar.

Ao compartilhar essas histórias, que associam angústias passadas e presentes, os professores produziram sentido para sua atuação atual, como podemos observar no último relato exposto acima. Segundo Furtado:

As narrativas colaboram à revelação de como o mundo se manifesta e se expressa simbolicamente. Elas são construtoras de sentidos e representações de um indivíduo, um coletivo, uma comunidade, nas suas formas diversas de viver (FURTADO, 2020, p. 167).

No decorrer do encontro, a impotência já não era o sentimento predominante

nas falas dos docentes, como havia sido em encontros anteriores, muitos professores expressaram o desejo de atuar para a transformação das realidades sociais, como um sentimento contínuo.

Essa produção de sentidos e elaboração das experiências dos sujeitos são evidenciadas por Furtado (2020) como o grande compromisso das narrativas de vidas, em detrimento de um compromisso com uma verdade factual ou com uma realidade inventada.

Essa perspectiva em torno das narrativas é passível de aproximação da conceituação de escrevivência realizada por Conceição Evaristo (2017), no que tange o compromisso com a vivência e não necessariamente com uma verdade factual dos acontecimentos. Na introdução da terceira edição do livro *Becos da memória*, um romance memorialista sobre a vida em uma favela, a autora afirma que inventa sim as histórias:

As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma escrevivência. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de

quem conta, para se misturar à minha.
(EVARISTO, 2017, p. 11).

Para tanto, o narrador precisa estar suficientemente engajado e apropriado do processo de narrar, já que as narrativas são fruto do reconhecimento que o sujeito possui de suas experiências e elaborações ao longo da vida (FURTADO, 2020).

No encerramento do encontro descrito, os professores relataram essa apropriação do processo de narrar, ao evidenciarem como o compartilhamento de suas histórias os fizeram recordar os motivos que os levaram a escolher a profissão docente, o que os levou à percepção do impacto de suas atuações na vida de seus alunos.

Por fim, na análise dessas narrativas e do processo de escuta atenta ali instaurado, gostaria de enfatizar uma dupla perspectiva. Se por um lado, a emergência das narrativas docente foi um dispositivo que promoveu cuidado e acolhimento, por outro, podem se configurar como um exercício de escrita decolonial⁷, quando, a partir da história de uma vida, desvela processos de um tempo e de um território, além de valorizar conhecimentos e experiências latinas americanas.■

⁷ O conceito de colonialidade tem como ponto central a questão da produção do conhecimento, essa relação entre colonialidade e saber é fruto da reprodução de lógicas econômicas, políticas, cognitivas etc, forjadas no período colonial. Nas epistemologias coloniais, a detenção do saber/poder permanece com homem/branco/europeu e a representação do sujeito universal é feita à sua semelhança, tendendo assim a um particularismo disfarçado de universal e negando a existência de negros, mulheres e não-europeus. (COSTA; TORRES; GROSFUGUEL, 2019).

[LUIZA RIBEIRO XAVIER]

Possui bacharelado em psicologia pela Universidade Federal de São Paulo, e atualmente é mestranda na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Email: lu.ribeiroxavier95@usp.br

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARAÚJO, Patrício Carneiro. **Entre o terreiro e a escola**: Lei 10.639/2003 e intolerância religiosa sob o olhar antropológico. 2015. 242 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

CARNEIRO, S. **A batalha de Durban**. Revista Estudos Feministas [online]. 2002, v. 10, n. 1, pp. 209-214. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100014>. Epub 18 Set 2002. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100014>. (Acessado 24 outubro 2021).

COCA, O. **O Grupo Operativo como estratégia de reflexão**: a experiência da Docência Compartilhada. In: AMARAL, Mônica et al. (Orgs). Culturas Ancestrais e Contemporâneas na Escola. São Paulo: Ed Alameda, 2018.

COSTA, J. B.; TORRES, N. M.; GROSGUET. **Introdução**: decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. In: COSTA, J. B.; TORRES, N. M.; GROSGUET (orgs). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico I ed.; 1. reimp. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. 3. ed. - Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FOLHA. **Um Brasil para os brasileiros**: ensaio palavra-imagem com Carolina Maria de Jesus. 26 de set. 2021. Disponível em: <https://entretempos.blogfolha.uol.com.br/2021/09/26/um-brasil-para-os-brasileiros-ensaio-palavra-imagem-com-carolina-maria-de-jesus> (Acesso em: 16 dez. 2021).

FURTADO, J. P. **Narrativas de si**: memória e transformação. In: GOULART, P.; PEZZATO, L. (Orgs). Narrativas de si: práticas em educação e saúde. 1. ed.- Porto Alegre: Rede UNIDA; 2020.

GELEDES. **As voltas que o mundo dá**. 22 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-voltas-que-o-mundo-da/> (Acesso em: 16 dez. 2021).

VALENTE, G. A. **Socialização profissional docente ou como uma prática se naturaliza?** Um estudo sobre a naturalização do religioso na prática docente. *Educ. rev.* [online]. vol.36, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982020000100123&lng=en&nrm=iso. ISSN 1982-6621. (Acesso em:16 dez. 2021).